



NEOCONSERVADORISMO, NEOFASCISMO E NEOPENTECOSTALISMO NA POLÍTICA BRASILEIRA: efeitos deletérios sobre a democracia

Ivann Carlos Lago¹
Gládis Gresele Koscrevic²
Edemar Rotta³

Resumo

O artigo analisa a ascensão do neoconservadorismo e do neofascismo na política brasileira, tendo como escopo o papel das igrejas neopentecostais na criação do ideário político "liberal na economia e conservador nos costumes. Com base na abordagem hermenêutica, toma como referência os discursos de Jair Bolsonaro e Edir Macedo, analisando-os via técnica de análise de discurso. O referencial teórico trata das origens do neoconservadorismo e do neopentecostalismo no Brasil, além de abordar alguns elementos do fascismo contemporâneo através da caracterização clássica elaborada por Umberto Eco. Constata que a aproximação entre denominações religiosas neopentecostais e grupos conservadores no campo político tem contribuído para a consolidação de ideias e visões de mundo tipicamente fascistas, cujos efeitos possuem grande potencial deletério sobre a democracia e suas instituições.

Palavras chave: Neopentecostalismo; neoconservadorismo e neofascismo; Edir Macedo; Jair Bolsonaro; democracia.

NEOCONSERVATISM, NEOFASCISM, AND NEOPENTECOSTALISM IN BRAZILIAN POLITICS: deleterious effects on democracy

Abstract

The article analyzes the rise of neoconservatism and neofascism in Brazilian politics, focusing on the role of Neopentecostal churches in creating the political ideology of being "economically liberal and socially conservative." Using a hermeneutic approach, it references the speeches of Jair Bolsonaro and Edir Macedo, analyzing them through discourse analysis techniques. The theoretical framework covers the origins of neoconservatism and Neopentecostalism in Brazil, as well as addressing some elements of contemporary fascism through the classic characterization by Umberto Eco. It is found that the convergence between Neopentecostal religious denominations and conservative political groups has contributed to the consolidation of typically fascist ideas and worldviews, whose effects have significant deleterious potential on democracy and its institutions.

Keywords: Neopentecostalism; neoconservatism and neofascism; Edir Macedo; Jair Bolsonaro; democracy.

Artigo recebido em: 19/10/2024 Aprovado em: 30/04/2025
DOI: <https://dx.doi.org/10.18764/2178-2865v29n1.2025.9>

¹ Doutorado e Mestrado em Sociologia Política (UFSC). Professor do Quadro Permanente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas, Mestrado e Doutorado, da UFFS. E-mail: ivann@uffs.edu.br.

² Graduação em Direito e no Programa Especial de Formação de Professores para a Educação Profissional. Mestrado em Desenvolvimento e Políticas Públicas (UFFS- Cerro Largo). E-mail: gladis.gresele@estudante.uffs.edu.br

³ Doutor, com Estágio Pós-Doutoral em Serviço Social. Mestrado em Sociologia. Professor do Quadro Permanente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas, UFFS, Campus Cerro Largo/RS/Brasil. E-mail: erotta@uffs.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Neste início de século a democracia e suas instituições sofrem ataques em todo o mundo. Por toda parte ascendem ao poder governos comprometidos com pautas que flertam com o fascismo de tempos não muito distantes no passado. O Brasil experimenta esse mesmo fenômeno, que aqui é fortemente respaldado por grupos religiosos. Este movimento, que tem no processo contínuo de deslegitimação da democracia seu elemento central e no irracionalismo uma de suas principais bases ideológicas, tem sido definido por muitos autores como neofascismo contemporâneo (Souza, 2019). Trata-se de um fenômeno global, embora tenha especificidades em cada sociedade particular.

Nesse contexto, o presente estudo aborda as origens do neoconservadorismo, suas aproximações com o neofascismo e a associação destes com o neopentecostalismo no cenário político-institucional brasileiro. Para isso são analisadas as relações entre o neoconservadorismo, o neofascismo e a extrema-direita brasileira a partir da aproximação entre a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), por meio de seu principal líder, Edir Macedo, e a principal figura da extrema-direita brasileira, o ex-Presidente Jair Messias Bolsonaro. Metodologicamente opera-se a partir da hermenêutica, com a utilização da análise de discurso. Para caracterizar o neoconservadorismo, partimos de uma breve revisão da literatura sobre o tema, e em relação ao (neo)fascismo tomamos a já consagrada tipologia de Umberto Eco. Em seguida tomamos os discursos de Bolsonaro e Macedo para verificar se, e em que medida, eles reproduzem aqueles elementos classicamente associados ao fascismo como visão de mundo e como parâmetro ideológico para orientação política.

Se há consenso sobre os riscos que assolam as democracias pelo mundo, ainda há um longo caminho a percorrer no complexo processo de compreensão de suas múltiplas causas. Quando a política é solapada pelo moralismo religioso, quais os efeitos sobre a democracia e suas instituições? Qual a verdadeira dimensão da ameaça neofascista no Brasil e como ela é potencializada com a cooptação de lideranças políticas pelo discurso religioso? Quais são os riscos para democracia quando a gestão do Estado e as políticas públicas são pensadas a partir do moralismo e da negação do Estado Laico? O que esperar – ou temer? – do casamento entre neoconservadorismo e neofascismo abençoado pelo neopentecostalismo?

Tentando responder a essas (e outras) questões o artigo está dividido em duas seções, além da introdução e das considerações finais. Na primeira seção são apresentadas: i) uma descrição da origem do neoconservadorismo, destacando as suas bases constitutivas e a presença na política brasileira; ii) uma breve discussão sobre ascensão do neofascismo e suas novas roupagens no cenário político atual, iii) algumas inferências sobre a presença dos neopentecostais na política, com destaque para a IURD no cenário brasileiro. Na segunda seção realiza-se a análise dos discursos de Macedo e

Bolsonaro, evidenciando neles a presença das características elencadas por Umberto Eco como constitutivas do (neo)fascismo. As considerações finais destacam algumas inferências sobre possíveis reflexos da ascensão do neoconservadorismo na democracia brasileira.

2 AS ORIGENS DO NEOCONSERVADORISMO

Historicamente o conservadorismo foi um movimento surgido em contraposição à modernidade e ao liberalismo. Segundo Souza (2015), o conservadorismo clássico é um sistema de ideias antimodernas, antirreplicanas, antiliberais e antiburguesas. Sua ocorrência se situa entre 1789 e 1914, e se constitui como reação ideológica e política aos avanços da modernidade. A reconstrução dessa ideologia se dá nos EUA a partir de 1950, em um movimento conhecido como nova direita ou neoconservadorismo, com uma ideologia que resgatou pressupostos do velho conservadorismo e do libertarianismo, em uma fusão inusitada que foi a grande novidade do neoliberalismo (Moll Neto, 2010). Nesse novo arranjo o conservadorismo reconfigura-se de reação à modernidade para assumir posições supostamente progressistas, adotando uma postura próxima do liberalismo, seu antigo antagonista. A nova agenda conservadora, comprometida com os ideais neoliberais, é denominada “neoconservadorismo” e, conforme Souza (2015), conseguiu mesclar a tradição conservadora clássica com os ideais do livre mercado.

Na medida em que o liberalismo na década de 1980 começa a incluir novas demandas, como o combate à desigualdade e a defesa dos direitos das mulheres e LGBTs, os intelectuais insatisfeitos com as pautas progressistas afastaram-se desse grupo e aliaram-se à direita secular do partido Republicano dos EUA (Lacerda, 2018). Tais grupos, convertidos ao neoconservadorismo, acreditavam que os liberais (associados ao Partido Democrata) passaram a perseguir um igualitarismo pervertido e abstrato. Sendo assim, só o capitalismo promoveria a verdadeira moral e a virtude pública, tendo a religião papel fundamental para disciplinar os indivíduos, preservar a estabilidade social e transmitir os valores morais tradicionais, especialmente através da família. A essa aliança neoconservadora foi também dado o nome de “nova direita”.

Lacerda (2018) define o neoconservadorismo como um movimento com ideário conservador e de direita, que dá ênfase a temas ligados à sexualidade, à família e aos valores cristãos. Dispensa muito interesse às questões sexuais e reprodutivas, busca cultivar a dominação masculina e a manutenção da estrutura da família patriarcal. Nesse contexto, o feminismo é compreendido como o responsável pelas disfunções na sociedade, como a rejeição à autoridade masculina e a divisão sexual do trabalho, o que seria causador de vários problemas sociais que resultam, entre outras coisas, na

pobreza e na violência, tudo como consequência da degradação moral. A esse ideário progressivamente somam-se o militarismo, o anticomunismo e o ideal de punição como instrumento de (re)ordenamento social. A ênfase nos princípios morais “o antídoto contra o caos dos direitos individuais” (Lacerda, 2018, p. 58).

No Brasil, na esteira da aprovação da Constituição Federal de 1988, na década de 1990 pautas igualitárias e reconhecimento de direitos a sujeitos sociais subalternizados ganham força na esfera pública. Movimentos feministas, negros, gays e de grupos marginalizados ascendem no cenário político. Em contraposição, agentes antagônicos intensificam demandas moralistas. Tais grupos, de natureza um tanto heterogênea, reúnem políticos de direita, personalidades influentes – especialmente no mundo da internet – e líderes religiosos que passam a defender um Estado orientado pela moral conservadora, com maior capacidade punitiva, mas economicamente neoliberal (Teixeira; Henriques, 2022).

O neoliberalismo prega que quanto mais livres os homens forem para empreender, maior será o seu bem-estar. Ancoradas na teologia da prosperidade, as religiões neopentecostais crescem no Brasil, se disseminando principalmente entre as classes economicamente menos favorecidas e propagando o ideal neoliberal, no qual a conquista do sucesso fica a cargo do indivíduo e de sua fé. As pautas dos conservadores coincidem com a posição da direita e, especialmente, da extrema-direita no espectro político. No entanto, para Teixeira e Henriques (2022), tais conceitos não são sinônimos, visto que o neoconservadorismo vai além de questões econômicas e securitárias de Estado arrimadas pela direita, pois soma àquelas bandeiras relacionadas ao papel da mulher na sociedade, exclusão de direitos de grupos que não se enquadram nos papéis tradicionais de gênero e defesa radical de valores cristãos. Os autores apontam ainda que há, além de semelhanças, um movimento de “adaptação” da ideologia neoconservadora no Brasil. Há, no cenário nacional, a coexistência de componentes religiosos, políticos, jurídicos, econômicos e midiáticos que estão alinhados aos discursos de recomposição da ordem moral e religiosa como o caminho para o progresso social. Lacerda (2018), comparando as características presentes no neoconservadorismo dos EUA e do Brasil, conclui que há um movimento neoconservador em curso na câmara dos deputados brasileira. Segundo a autora, embora siga os mesmos moldes do neoconservadorismo dos EUA, a versão brasileira tem suas especificidades, tratando-se de um neoconservadorismo tardio, subalterno e periférico, mas com um poder crescente e politicamente relevante.

3 O NEOFASCISMO E SUA EXPANSÃO NO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO

Stanley (2019) identifica como “fascismo” qualquer tipo de ultranacionalismo, no qual a ideia de “nação” é representada por um líder autoritário que fala em seu nome. Quanto ao fascismo na atualidade, ele denomina-o como neofascismo contemporâneo, e assim o descreve:

Todo fascismo é, portanto, reflexo de uma luta de classes truncada, percebida de modo distorcido e, por conta disso, violento e irracional no seu cerne. Na sua base está a manipulação de emoções que geram agressividade, como medo, raiva, ressentimento e ansiedade sem direção, sempre com fins de manipulação política. A incompreensão racional, por parte da população, de processos políticos complexos é utilizada para a construção de bodes expiatórios, um modo historicamente eficiente de canalizar frustrações e ressentimentos sociais. A marginalização de grupos minoritários e a violência dissimulada, contaminando a sociedade como um todo, são as consequências inevitáveis de todo fascismo (SOUZA, 2019, p. 252).

A política fascista é marcada pela divisão, ela distingue “nós” de “eles” por meio de marcadores raciais, étnicos e religiosos. A política fascista é sedutora, pois ela simplifica a existência humana e, ao objetificar um “eles”, ressalta as qualidades do “nós”, e a identificação com um líder que revela as pessoas “indignas” é reconfortante, pouco importando se ele respeita as instituições democráticas.

Eco (2018) enumera em sua obra 14 características elementares para o que define como “fascismo eterno”. Por questão de espaço, não faremos uma descrição detalhada das características descritas pelo autor. A tipologia é amplamente conhecida, sendo uma referência nos estudos sobre o tema, o que, acreditamos, torna desnecessária sua descrição mais detalhada. Registramos, contudo, que o autor adverte que entre as 14 características há até mesmo contradições; portanto, é suficiente apenas encontrar uma delas para que se deva ficar atento aos riscos do fascismo. É essa caracterização que servirá como base para a análise dos discursos de Macedo e Bolsonaro, que apresentaremos na próxima seção.

A ascensão de líderes políticos que enaltecem ideias fascistas é um risco para a democracia contemporânea em todo o mundo. No Brasil, em 2018 ocorreu a eleição do líder máximo do poder executivo cuja campanha política baseou-se em pautas que acendem o alerta para o fascismo descrito por Umberto Eco. Se o autor italiano alerta para o fato de que a existência de um único elemento do fascismo já deveria nos deixar em alerta, a ascensão dessa ideologia em nosso país é marcada pela combinação de muitas delas, se não todas, cuja consolidação e disseminação recebe importante contribuição de movimentos neopentecostais, em especial da IURD e de seu principal líder nacional, Edir Macedo, como veremos em seguida.

4 OS NEOPENTECOSTAIS E A POLÍTICA: a IURD e a politização da fé

O Brasil é o país latino-americano com o maior número de “evangélicos”, campo religioso que abrange diversas denominações cristãs, como as igrejas protestantes históricas e as pentecostais. Aqui o pentecostalismo avançou desde o final do século passado e se expandiu consideravelmente, fazendo do Brasil o maior país pentecostal do mundo (Paes Neto, 2019). Contudo, esse avanço não foi linear. Mariano (1999) analisa as chamadas três ondas do pentecostalismo. A primeira delas foi o pentecostalismo clássico, a partir de 1910; a segunda ocorreu com o deuteropentecostalismo, entre os anos 1950 e 1960, e; a terceira e objeto do presente estudo é o neopentecostalismo, que ocorre a partir da década de 1970.

O prefixo *neo* é utilizado para designar a terceira onda do pentecostalismo devido a sua formação recente e seu caráter inovador. O neopentecostalismo abandonou traços sectários e velhos estereótipos do pentecostalismo, introduziu novos ritos, crenças e práticas e flexibilizou comportamentos sociais. Conforme Mariano (1999), os neopentecostais tornaram-se mais imediatistas e pragmáticos, e a partir da Teologia da Prosperidade, modificaram sua prioridade; antes de viverem eternamente ao lado de Deus, os neopentecostais desejam usufruir sem culpa do que há de bom no mundo, almejando felicidade, prazer e fortuna.

A IURD é uma igreja evangélica neopentecostal fundada no ano de 1977 no Brasil, sendo Edir Macedo um dos seus fundadores e o atual líder religioso. Em 1990 a Igreja, junto a um cenário de liberalismo econômico, viu seu número de fiéis multiplicar. Lima (2007) entende que o aumento de fiéis esteja imbricado à nova lógica da economia de mercado, pois sua maior parcela é oriunda dos estratos mais pobres da população, que busca na igreja uma resposta imediata para suas aflições cotidianas e anseios por uma melhora de vida. A teologia da prosperidade defendida pela IURD recusa a vitimização e promove a crença na ascensão social e econômica através da fé. Lima (2007) acredita que o crescimento da igreja ocorre em tal momento porque, nesse período de exibição da glória dos vitoriosos, a possibilidade de sucesso e tudo que ele propicia é motivador para empreender e substituir o sofrimento pela abundância.

O diabo também é figura constante nos discursos da IURD. Doenças, vícios, baixos salários, tudo é responsabilidade do “inimigo”, que aflige suas vítimas com sofrimentos físicos e psíquicos. Deus irá acudi-los, desde que o fiel esteja na “plenitude do Espírito” e forte na linha de frente contra o diabo. Ao longo dos séculos XIX e XX o catolicismo e o protestantismo passaram a dialogar com a ciência, a relativizar os milagres e a não atribuir todos os males a um demônio ou todas as conquistas a ação da divindade. Para Smiderle (2011), tais eram as características do cristão moderno,

até surgir a pentecostalização, reafirmando componentes mágicos. O aspecto mágico das igrejas neopentecostais reside na possibilidade de interferências sobrenaturais na vida dos fiéis, da ação direta de Deus contra todos os males. Para o autor, a expansão do neopentecostalismo e sua influência nos padrões de sociabilidade vigentes no Brasil podem ser vistas como expressão da tendência fragmentária da modernidade tardia ou pós-modernidade. Sua pesquisa demonstra “que quanto maior o efeito da pentecostalização sobre o cotidiano religioso, mais a religião tende a ser elemento relevante nas mais diversas áreas da existência do ator atingido por esse processo” (Smiderle, 2011, não paginado). A esfera religiosa começa a se dilatar, rompendo os limites que a modernidade havia lhe imposto. O evangélico pentecostalizado encara o mundo como uma totalidade mágica, regido pela divindade e enfrentando-o como uma batalha espiritual na qual disputam o bem e o mal, somente. Quando nos deslocamos para o comportamento político-eleitoral marcado pela mitologia neopentecostal, a religião torna-se tema central da política. Em contraste com o estilo de vida moderno, segundo Gracino, Targino e Rezende (2019), a atmosfera neopentecostal tende a tomar a esfera religiosa como o centro para o entendimento da vida e do mundo, o que inclui a política e as escolhas eleitorais.

O projeto pastoral de Edir Macedo insere a IURD no Brasil como um modelo de regulação social em uma sociedade neoliberal com ampla presença de economias informais. Conforme Mafra, Swatowski e Sampaio (2012) a natureza autoritária da igreja se mantém devido à expectativa de tutela por parte da população cooptada. A igreja pratica uma subpolítica de afirmação social, pois sua clientela religiosa, oriunda majoritariamente dos estratos mais pobres e menos escolarizados da população, é preterida pelo sistema político, o que permite que a religião se torne um organizador social desses grupos, fazendo com que se sintam abrigados em uma comunidade moral. Tais setores marginalizados e sem as mínimas condições sociais e educacionais, se organizam e se reinventam mediante as mudanças econômicas e sociais proporcionadas pelo mercado, no entanto, subordinados ao protagonismo ideológico do capitalismo. Segundo Antônio e Lahuerta (2014) tal modelo leva-os a desligar-se da concepção de um contexto social mais geral, estrutural, e compreender-se como indivíduos isolados, cujo sucesso ou fracasso passa a depender unicamente de suas capacidades pessoais e de sua relação direta com Deus. Assim, os neopentecostais conectam-se ao processo de crise e transformação do fenômeno político contemporâneo através de uma subpolítica alheia ao controle do Estado e internalizando em seus fiéis a ética do “regime de projetos”, em oposição à ética do trabalho formal. Para Antônio e Lahuerta (2014) o neopentecostalismo torna-se essencial na incorporação da ideologia individualista nas classes subalternas, difusor da chamada “Teologia da Prosperidade”, ao certificar que as vitórias intramundanas ocorrerão com a expulsão do demônio das

vidas dos fiéis. A “Teologia da Prosperidade valoriza a fé em Deus como meio de obter saúde, riqueza, felicidade, sucesso e poder terrenos” (Mariano, 2011, p. 158).

Adeptos da lógica da modernidade periférica brasileira, os neopentecostais do país são descritos por Antônio e Lahuerta (2014) como capazes de acomodar o atraso e o moderno, pois sustentam uma cultura organizacional e política autoritária, que deteriora a cidadania política. O indivíduo da modernidade periférica incorpora a premissa neoliberal de libertação dos indivíduos orientados pela sociedade de consumo e a ascese religiosa mantém nesse indivíduo convicções morais que preservam sua confiança na existência de um conjunto mínimo de valores sem os quais a sociedade colapsaria. Nesse contexto, os evangélicos formaram uma fração importante da base eleitoral de Bolsonaro. Conforme Lacerda (2022), estima-se que ele recebeu 70% dos votos válidos dos evangélicos, o que foi determinante para sua vitória em 2018. Desde o golpe militar, a crise no campo moral e a ameaça do comunismo são temas que arrimam a direita cristã brasileira, composta principalmente por evangélicos. Portanto, a adesão desses a Bolsonaro, para Lacerda (2022), deveu-se à adoção pelo candidato de uma agenda moral conservadora com forte apelo religioso, com o discurso em defesa da família tradicional, do combate ao “comunismo”, ao casamento gay e à “ideologia de gênero”.

Com a eleição de Bolsonaro em 2018, a IURD comemorava pela primeira vez a eleição de um candidato tão identificado com seus valores (Nascimento, 2019). De apoiadora a Universal fez-se logo parte integrante do poder constituído. Edir Macedo chegou a batizar o então presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, em sua igreja “Templo de Salomão”, em São Paulo. Entre trocas de favores e orações, a ligação entre eles se estreitou durante o mandato, fazendo com que Macedo o apoiasse na candidatura à reeleição, em 2022.

Antônio e Lahuerta (2014) confirmam que o Brasil vive uma modalidade peculiar de democracia, na qual esse regime encontra grandes vazios institucionais em que prevalece a ausência de direitos e de acesso às estruturas da ordem legal, tendo os cidadãos drasticamente reduzidas as condições de cidadania. Diante do encolhimento da proteção do Estado, os indivíduos socialmente vulneráveis são lançados a o auge do privatismo, através de arranjos nos quais a religião é responsável por difundir um pacto social baseado na subsidiariedade, onde o indivíduo necessitado deve ser auxiliado pela instituição que estiver mais próxima. Nesse contexto, os neopentecostais conduzem o indivíduo à crença de que sua fé e Deus serão suficientes para superar todas as mazelas às quais está exposto. A ligação entre esse grupo periférico e a sociedade opera-se através da moral, orientada pelo êxito individual no mundo econômico. Esse grupo social emergente vislumbra nas alterações sociais, especialmente de cunho progressista, uma ameaça à integridade moral da

sociedade e de suas instituições centrais, entre as quais o mercado e a política. Nesse contexto não sobra espaço para diálogos que legitimem valores e princípios sociais basilares para uma sociedade plural. Os imperativos religiosos chocam-se com os avanços da cidadania, sobretudo no tocante à laicidade nos princípios de justiça e, conseqüentemente, à construção de uma sociedade democrática.

Ao invés da inclusão de cidadãos à margem da sociedade no contexto democrático, Antônio e Lahuerta (2014) indicam que o neopentecostalismo insere na esfera pública brasileira um grupo com engajamento religioso extremado, guiado pelos princípios religiosos de seus líderes, que instituem uma visão política intolerante, decorrente de suas convicções morais e de uma visão individualista proveniente do capitalismo contemporâneo. Os autores entendem que as “misérias” da democracia no Brasil são conseqüências da modernização secular à brasileira, que impediu a socialização ativa e a progressão material e institucional das classes mais subalternas, o que resultou na atual conjuntura política, onde se consolida uma religiosidade profundamente intramundana, mas com uma promessa salvacionista e mistificadora, arrivista e pouco preocupada com valores da democracia.

5 O NEOFASCISMO COMO MARCA DAS VISÕES DE MUNDO DE BOLSONARO E MACEDO

Muitos autores sustentam que o conceito de fascismo é único e só pode ser utilizado para definir o movimento liderado por Mussolini e Hitler, respectivamente na Itália e Alemanha. No entanto, autores como Boito Júnior (2020) e Souza (2015) identificam as características do fascismo originário no cenário político brasileiro atual e definem tal movimento recente como neofascista. É essa perspectiva que adotamos para o presente estudo.

Ideais neofascistas vivem processo de ascensão na arena política nacional, contando com apoio de setores importantes da sociedade brasileira, dentre eles alguns segmentos religiosos, especialmente em sua versão neopentecostal. Entre as características presentes nas campanhas de Bolsonaro em 2018 e 2022, destaca-se o apelo a uma série de ideias e símbolos associados ao conservadorismo e, em muitos casos, tipicamente neofascistas. O bispo Edir Macedo é alinhado ao discurso de Bolsonaro e o apoiou em ambas as campanhas à presidência, emprestando-lhe seu prestígio como líder religioso e compartilhando com ele muitas visões sobre a sociedade e a política, como demonstraremos a partir da análise de seus discursos.

A IURD possui diversos espaços virtuais (sites, redes sociais e canais oficiais no Youtube) onde são compartilhados centenas de vídeos com mensagens motivacionais, testemunhos de

mudanças de vida, orientações para casais, para a vida em sociedade e, também, orientações políticas. Muitos desses vídeos são mensagens do líder absoluto da igreja, Edir Macedo, com orientações políticas diretas aos fiéis. Além da inserção midiática em rádios, televisão e internet, Macedo também é responsável pela publicação de diversos livros, na maioria textos com interpretações da bíblia que abordam temas do cotidiano e projetam a “família de Deus”, na qual homem e mulher têm papéis bem delimitados. As publicações da editora Universal Produções são as fontes sobre a doutrina que é difundida na igreja, estando também disponíveis para a compra nos próprios templos.

A Igreja Universal optou por não exigir a formação em seminários ou a faculdade de teologia de seus pastores (Nascimento, 2019). Macedo, ao falar sobre estudar grego, hebraico e demais matérias de teologia, as define como “besteira”. Em seu livro “A libertação da teologia” o bispo descreve a Teologia como fútil. “Todas as formas e todos os ramos da Teologia são fúteis. Não passam de emaranhados de ideias que nada dizem ao inculto; confundem os simples e iludem os sábios. Nada acrescentam à fé; nada fazem pelo homem senão talvez aumentar sua capacidade de discutir” (Macedo, 2019, p. 21).

Bolsonaro utiliza o mesmo tom ao se referir aos livros didáticos de escolas públicas. Em três de janeiro de 2020, em crítica à gestão de governo anterior, ele afirma que os livros “têm muita coisa escrita” e que é preciso “suavizar”. Conforme narra a Revista Exame (2019), ele aponta a ideologia de Paulo Freire, reconhecido como patrono da educação brasileira, como culpada pelo mau desempenho dos estudantes no Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), e acusa os governos de esquerda de “plantarem a militância” na educação.

O que a esquerda plantou na educação? Plantou militância. Tanto é que o pessoal vota no PT e no PSOL. A molecada (vota no) PT e PSOL. Chegou ao cúmulo de acabar com uma escola como o Colégio Dom Pedro II, no Rio de Janeiro. Acabaram com o Pedro II. Menino de saia, MST lá dentro. E outras coisas mais que não quero falar aqui [...] Têm livros que vamos ser obrigados a distribuir esse ano ainda levando-se em conta a sua feitura em anos anteriores. Tem que seguir a lei. Em 21, todos os livros serão nossos. Feitos por nós. Os pais vão vibrar. Vai estar lá a bandeira do Brasil na capa, vai ter lá o hino nacional. Os livros hoje em dia, como regra, é um amontoado. Muita coisa escrita, tem que suavizar aquilo (EXAME, 2020).

Na manifestação Bolsonaro não formula ideias sobre as múltiplas causas do fraco desempenho dos estudantes; ele indica culpados, tomados como inimigos a serem combatidos para a educação melhorar: a ideologia de Paulo Freire, “meninos usando saias”, a militância e o MST. Apontados os inimigos, sua eliminação surge como solução para o problema.

Na obra “Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios”, Macedo afirma que o demônio ataca a mente das pessoas de duas maneiras: no intelecto e no ataque direto. No intelecto, “provocam

o ego, a inteligência. Apela para a razão e procuram inculcar uma explicação científica, filosófica ou material, porém nunca espiritual” (Macedo, 2004a, p. 97). O ataque direto ocorre quando o demônio “aloja-se na mente de uma pessoa para desgraçá-la” (Macedo, 2004a, p. 98). O bispo afirma a superioridade da fé sobrenatural sobre conhecimento científico, pois “o homem comum, mesmo que seja culto, inteligente e até conheça a Bíblia, sem a proteção do Espírito Santo é alvo muito fácil para a ação dos demônios” (Macedo, 2004b, p. 112). Ele não nega o conhecimento intelectual, mas o relativiza e o menospreza frente ao fervor religioso. Afirma que “quanto menor for a bagagem de conhecimento intelectual, maior espaço haverá para as manifestações da fé sobrenatural” (Macedo, 2004b, p. 22).

Nesses discursos de Macedo e Bolsonaro estão presentes o irracionalismo, o negacionismo e a rejeição ao pensamento crítico, elementos típicos do neofascismo. Um período em que tais características materializaram-se com nitidez foi na pandemia da COVID-19, na qual a gestão do então presidente Bolsonaro baseou-se no anticientificismo e no irracionalismo, corroborado por grupos religiosos, para a tomada de decisões políticas. Em discurso de 24 de março de 2020, após as primeiras mortes por COVID-19 no país, o então Presidente da República defendeu a volta da normalidade e criticou o fechamento de lojas e escolas e outras medidas protetivas adotadas por governadores e prefeitos. Pediu que a mídia parasse de “propagar o pânico e a histeria”. Ainda destacou que o grupo de risco seriam apenas pessoas com mais de sessenta anos, que 90% das pessoas não teriam qualquer manifestação caso se contaminassem, e que raros seriam os casos fatais de “pessoas sãs” (UOL, 2020).

Conforme Guerreiro e Almeida (2021), o negacionismo assumiu uma linguagem político-religiosa. Após defender o uso de medicamentos sem comprovação científica, com a descoberta da vacina alguns líderes religiosos investiram contra a sua obrigatoriedade, criando e propagando teorias conspiratórias sem nenhum embasamento científico, o que contribuiu para o atraso na compra dos imunizantes. No início da pandemia Bolsonaro optou por um discurso que apontava a China como “criadora do vírus”, em um plano de dominação comunista do mundo. Kalil (2021) destaca que o medo do comunismo pontua todos os discursos da carreira política do então presidente do Brasil.

Além da teoria conspiratória da dominação comunista, Bolsonaro adotou um discurso de combate permanente ao inimigo, pois utiliza de metáforas bélicas para tudo, propondo a política como uma guerra (Kalil, 2021). A crença em um inimigo a ser derrotado e a guerra constante são características clássicas de discursos fascistas e também são pautas constantes nos discursos da IURD. O negacionismo é utilizado como linguagem de poder, que pressupõe a existência de um inimigo oculto que pretende destruir o país (Guerreiro; Almeida, 2021). O discurso de que ONGs estrangeiras

que atuam na Amazônia estariam lá apenas para se apropriar de nossas riquezas cumpre este mesmo papel. É mais que irracionalidade ou inconsequência, é um projeto de poder que abrange conexões políticas, religiosas e empresariais. O anticomunismo vira combustível para o nacionalismo fascista.

Diversos líderes religiosos especularam que havia uma grande farsa em torno da pandemia, supondo uma tática diabólica para aprisionar as pessoas e destruir o presidente Bolsonaro, escolhido por Deus. Os neopentecostais recorrem à figura do diabo para definir qualquer dificuldade do cotidiano ou crença que não se ajuste aos seus preceitos; nesse caso, por meio da intercessão dos fiéis, Deus agiria para combater o mal. Mas é preciso estar sempre atento e forte na linha de frente contra o diabo. De modo semelhante, para os fascistas, a vida é uma guerra constante, o inimigo a ser combatido são o comunismo e a esquerda, que aparecem sempre em seus discursos, sendo todos os rivais políticos enquadrados como comunistas, portanto inimigos que precisam ser não apenas derrotados eleitoralmente, mas extintos do cenário político e social. É figura recorrente nos discursos de Bolsonaro um inimigo que precisa ser combatido: a esquerda e os governos petistas, apontados como “inimigos do povo”. A guerra constante também é usual na retórica de Edir Macedo, que recorre à instauração do medo do comunismo em seus fiéis; nessas situações de combate, Bolsonaro e Macedo intitulam-se como os únicos capazes de salvar a nação. O primeiro, pela força; o segundo, pela fé.

As mídias pertencentes à IURD, em apoio à reeleição de Bolsonaro em 2022, afirmaram que a esquerda iria implantar a ditadura comunista no Brasil. Na publicação feita em janeiro de 2022, intitulada “Qual é o (real) desejo de Lula para o Brasil?”; a Universal afirma que as “narrativas da esquerda” são contra os valores cristãos e conservadores, e que o comunismo que será implantado pela esquerda “irá extinguir a liberdade individual e perseguir os cristãos”. Aqui vemos a clássica estratégia fascista de apelar para um inimigo externo, poderoso, como ameaça permanente cujo medo age como efeito aglutinador dos seguidores em torno do líder que se apresenta como capaz de combatê-la. Em outros dois vídeos publicados em outubro de 2022, referentes as eleições presidenciais, a retórica do inimigo a ser combatido está novamente presente. Um dos vídeos é publicado no canal oficial de Edir Macedo na véspera do primeiro turno, tendo como título: “Direita ou esquerda? Qual tem sido a sua fé? - Meditação Matinal 23/09/22”. Na mensagem divulgada, o bispo Edir Macedo apela para que no domingo das eleições todos estejam em uma corrente de fé, e o vídeo tem em sua descrição uma passagem bíblica que separa a direita e a esquerda, fazendo referência respectivamente ao bem e ao mal.

Então dirá o Rei aos que estiverem à Sua DIREITA: Vinde, benditos de Meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo;" Mateus 25:34 "Então dirá também aos que estiverem à Sua ESQUERDA: Apartai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos;" Mateus 25:41. (Direita ou esquerda? Qual tem sido a sua fé? - Meditação Matinal 23/09/22, 2022).

Macedo e Bolsonaro se utilizam do medo, característica elencada por Eco (2018) como base do fascismo, alegando perseguição dos cristãos, dos “cidadãos de bem”, e tomando a luta constante contra o mal como elemento aglutinador de seguidores, o orientador das práticas políticas que defendem. Macedo (2024a), por exemplo, define a si mesmo como guerreiro que luta em nome de Deus contra as “falsas religiões”, especialmente aquelas de matriz africana, sempre descritas por ele como representantes do diabo. Esse medo tem um efeito político poderoso, pois irá se transformar em ódio nos grupos ressentidos pela questão econômica ou por sentirem-se excluídos do processo político. O medo leva ao ódio; ódio que se direciona aos diferentes e a todos que se opuserem à sua visão de mundo, e que justifica a violência como recurso político legítimo no combate aos inimigos.

Essa violência, embora não declarada abertamente, está implícita nas orientações aos fiéis, que são compelidos a “lutar incessantemente contra os inimigos” (Macedo, 2004a), pois assim se estaria a lutar contra o próprio diabo. Basta, então, associar esses “inimigos” aos opositores políticos, ou seja, a esquerda, e temos a guerra religiosa alimentando as disputas políticas. “Porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Efésios 6.12” (Macedo, 2004a, p. 121).

Em 4 de outubro de 2022, após o primeiro turno das eleições, o bispo Macedo publica o vídeo “Jejum pelo direito da fé em Deus, na pátria e na família” (2022). Diante da vantagem em primeiro turno do candidato da esquerda, ele compara a esquerda ao inferno, afirmando a união de seus representantes com o demônio e conclamando o povo de Deus, referindo-se à direita, para que se unam; fala em enfrentar exércitos inimigos poderosos, como a mídia, comparando o candidato da direita ao rei Josafá, o qual, segundo a bíblia, busca a Deus por meio do jejum e da oração no momento em que os inimigos se unem para derrotá-lo.

Para Macedo, a verdade é somente a interpretação que a sua igreja tem sobre a bíblia e os costumes, sendo o debate e a discordância negativos para a fé. Dessa forma, a autoridade absoluta conferida ao bispo é o que permite a unidade de sua instituição, pois a estrutura da Universal é montada ao seu redor. Essa centralização exige súditos obedientes e leais, que não questionem a autoridade suprema. Qualquer posicionamento crítico ao líder é visto como indício de alta traição e, portanto, de motivo para a guerra. Aí temos elementos claramente associados ao fascismo, como o autoritarismo, a aversão ao contraditório e a “guerra permanente”. No mundo político o culto às armas, ao militarismo e à violência, amplamente difundido por Bolsonaro, é manifestação dessa guerra permanente para a qual o cidadão “de bem” precisa estar sempre preparado. Uma vez mais a visão de

mundo religiosa e o discurso política se fundem, ampliando o substrato sociopolítico que alimenta a ideologia do fascismo.

O líder fascista preza pela debilidade das massas que, quanto mais fragilizadas, mais vulneráveis estarão à sua dominação. Bolsonaro utiliza-se do medo para gerar insegurança social, o que pôde ser acompanhado durante a pandemia da COVID-19. Conforme Kalil (2021), como não possuía políticas públicas para combater a pandemia, ele centra seus esforços na disseminação de teorias conspiratórias que promovem medo e insegurança, ambiente no qual consegue movimentar-se politicamente muito bem.

A violência é central na ideologia fascista, e se manifesta em todas as esferas, sempre tomada como a solução sociais. A expressão “cpf cancelado”, gíria utilizada pela milícia e por grupos de extermínio, também é utilizada por Bolsonaro para comemorar a morte de suspeitos de crimes. Conforme o jornal “O Estado de Minas” (2021), Bolsonaro comemorou a morte de Lázaro Barbosa, acusado de homicídio no Distrito Federal, publicando a frase “cpf cancelado” nas redes sociais. O ex-presidente, segundo a Jovem Pan (2021), também posou para uma foto ao lado de Siqueira Júnior, após participar do programa “Alerta Nacional”, na qual, rodeado por seus ministros, sorridente, segura a placa “CPF cancelado”.

O governo federal, durante o mandato de Bolsonaro, flexibilizou leis para a aquisição e porte de armas. O discurso armamentista foi destaque em seus pronunciamentos, sempre afirmando a necessidade do “cidadão de bem” possuir armas. Durante a entrega de títulos de regularização fundiária em Goiás, conforme Vasconcellos (2022), ele discursa: “O Brasil é um país cristão, nós somos contra o aborto, nós somos contra a ideologia de gênero, nós defendemos a família, nós defendemos a propriedade privada, nós queremos arma de fogo para o cidadão de bem”. Nesse discurso é possível identificar o heroísmo, a incitação às armas, o patriarcalismo e o populismo qualitativo, características tipicamente fascistas.

Em suas manifestações é comum Bolsonaro recorrer à incitação ao armamento, às piadas de gênero, aos trocadilhos com conotação sexual, à ridicularização de mulheres e homossexuais. Tais discursos fazem parte de uma estratégia de humilhação dos “outros”, dos inimigos que podem ser qualquer um que critique ou seja visto como ameaça, como jornalistas e adversários políticos. Além disso, são discursos marcados pelo medo ao diferente, sempre visto como ameaça aos “padrões tradicionais”. Esse medo que, como argumentamos acima, está na base do ódio como elemento de unificação de grupos e movimentos fascistas. Em sua carreira política, Bolsonaro utiliza em diversos momentos frases machistas, misóginas, discriminatórias e com conotação sexual. Ainda em 2014, como deputado federal, conforme Ramalho (2016), ele afirma que a deputada Maria do Rosário, do

PT/RS, não merecia ser estuprada, declara que se caso fosse estuprador não o faria, pois a considerava “muito feia” e “não fazia o seu tipo”. Já em uma entrevista de 2014 ao Jornal Zero Hora, Bolsonaro justifica seu entendimento de que o empresário paga menores salários às mulheres, pois a mulher engravida e tem direito à licença maternidade, ficando muito tempo fora do trabalho e deixando o patrão com toda a conta, perdendo em produtividade. Ele enfatiza que o patrão deve ter liberdade para escolher quanto irá pagar de salário, mesmo que pague menos às mulheres.

[...] quando o cara vai empregar, entre um homem e uma mulher jovem, o que que o empregador pensa? "Poxa, essa mulher aqui tá com aliança no dedo, não sei o quê, ela vai casar, é casada, daqui a pouco engravida, seis meses de licença-maternidade, bonito para c*, para c*, ". Quem que vai pagar a conta? É o empregador (Zero Hora, 2018).

Em 2020, já como presidente da República, Bolsonaro insulta a jornalista Patrícia Campos Mello, da Folha de São Paulo, responsável por uma reportagem sobre o disparo de mensagens durante as eleições. Ao referir-se ao caso, segundo Poder 360 (2020), o então presidente dispara: "Ela queria um furo. Ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim". Como mostrou Eco (2018) a transferência de frustrações e vontades políticas para o campo da sexualidade e a vulgarização da linguagem com conotação sexual como forma de agressão são características típicas do fascismo.

Ainda em relação ao machismo, como parte da ansiedade sexual recorrente em ambientes e personalidades fascistas, os discursos da IURD defendem a necessidade da organização patriarcal e a restrição aos direitos das mulheres. Em vídeo publicado em 14 de março de 2016, intitulado “Qual qualidade o homem quer na mulher?” Macedo faz afirmações, segundo ele baseadas na palavra de Deus, que reduzem o papel da mulher na sociedade a cuidadoras do lar e do marido. O Bispo afirma que quando Deus fez a mulher ele fez uma auxiliar para completar o homem. O papel da mãe do marido é substituído pelo da esposa, e essa é quem agora lhe fará as refeições; “a esposa será a segunda mãe”. Então, se a mulher “passar o seu marido” em conhecimento, em estudos e salário, ela estará armando uma armadilha para si mesma e irá perdê-lo, pois os papéis estão invertidos. A mulher “não deve ser a cabeça”, ela “não deve mandar”, sua função atribuída por Deus é a de auxiliar. E conclui: “toda mulher que ultrapassa o poder de seu marido é infeliz” (Macedo, 2016).

Conforme Mantovani, Santos e Nascimento (2022), as afinidades de diversos grupos sociais com os papéis tradicionais de gênero fortaleceram um dos eixos centrais da campanha eleitoral de Bolsonaro. Os argumentos pró-família se encaixam nas perspectivas cristãs conservadoras da família patriarcal hierárquica, e os movimentos relativos ao combate às desigualdades de gênero e à promoção dos direitos das mulheres e da população LGBTQIA+ são apontados como os “culpados” por destruir a família. A família tradicional é tida como o espaço para naturalizar disciplina e autoridade,

assumindo as responsabilidades com educação, saúde e cuidado, suprimindo o déficit público e as despesas com políticas públicas de bem-estar.

No vídeo intitulado “Benção para a Família”, publicado em 24 de dezembro de 2022, Macedo traz uma mensagem de Natal, também transmitida ao vivo pela Record TV. O bispo diz: “Ninguém nasce homossexual, lésbica, ninguém nasce mau, todo mundo nasce perfeito com a sua inocência”. E segue afirmando que gays, lésbicas e bandidos seriam pessoas que nasceram boas, mas que foram corrompidas pelo mundo, mas Jesus está com todas essas pessoas, que estão para ele em situação de exclusão. Já em seu livro “Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios”, Macedo (2004a) associa as pessoas que buscam os terreiros a criminosos, prostitutas e homossexuais, concluindo: “Todas essas pessoas precisam, de fato, abrir o corpo e a mente para que o Espírito Santo faça morada em suas vidas e se tornem criaturas remidas pelo sacrifício expiatório de Jesus Cristo (Macedo, 2004a, p.113). O fascismo, conforme Eco (2018), tem medo da diferença, é racista e xenófobo por definição. Ao afirmar que as pessoas não são boas devido a sua orientação sexual, o bispo apela aos grupos intolerantes e normaliza tal discriminação utilizando a palavra de Deus. É o roteiro pelo qual o medo alimenta o ódio e este, a violência, fomentando discursos e práticas no campo político.

A retórica de Bolsonaro busca homogeneizar o povo e apagar diferenças. O discurso de que “somos todos iguais” aproveita-se da insatisfação de grupos para apagar diferenças e silenciar o debate público, principalmente aquele que promove atenção às minorias. Essa é a base do populismo qualitativo descrito por Eco (2018), que alimenta uma retórica nacionalista e despolitizadora, onde “povo” são somente aqueles que concordam com a ideologia. No mesmo sentido, Macedo (2004a) aponta os motivos pelos quais um “cristão de verdade não pode compactuar com a esquerda”. O primeiro está no fato de que a esquerda pregaria contra o casamento convencional. O segundo motivo é que a esquerda, historicamente baseada no marxismo, negaria a existência de Deus. E o terceiro motivo decorre de uma leitura que compreende o Brasil como um coletivo homogêneo, e aqueles que ameaçam tal homogeneidade precisariam ser combatidos, como os movimentos de trabalhadores, de mulheres, de negros, da população indígena, quilombola e LGBTQIA+.

O elitismo baseado na hierarquia é outra característica marcante na descrição do fascismo feita por Eco (2018) e presente na IURD. No fascismo, o líder sabe que sua força se baseia na debilidade das massas, que são fracas e precisam de um “dominador”. O bispo Macedo é centralizador e, embora delegue alguns poderes, é quem decide dentro da estrutura. A IURD possui um conselho de bispos, no entanto, se a decisão do conselho contrariar Macedo, há um momento em que ele fala “eu vou colocar a minha pata de elefante em cima disso aqui” (Nascimento, 2020). A IURD possui uma

estrutura administrativa centralizada, autoritária e organizada conforme uma hierarquia eclesial na seguinte ordem de ascensão: obreiros, pastores e bispos. Macedo não está à frente da administração rotineira, mas acima dela, acompanhando e fiscalizando, ele exala autoridade e delega poderes e tarefas, mas é implacável com quem ousa traí-lo, desobedecê-lo ou ameaçar o seu brilho (Nascimento, 2020).

Carismático, Macedo percebeu que o discurso simples atrai mais público. Ele utiliza termos pouco comuns no ambiente religioso, como dizer que a vida de alguém “está um cocô”. Tais expressões atraem mais ouvintes e a técnica é repassada aos pôsteres subalternos. Macedo sedimentou seu sucesso nas pregações entre os mais pobres utilizando um discurso simplista, tipicamente marcado pela novilíngua (ECO, 2018), que mira em um só adversário a ser combatido: o demônio (Nascimento, 2020, p. 45). O uso da novilíngua foi uma ferramenta utilizada em governos autoritários e fascistas para ajustar o sentido das palavras aos seus interesses. Tal linguagem tem um léxico pobre e visa simplificar os raciocínios e argumentos para que sejam de fácil assimilação e pouca ou nenhuma reflexão. Ela é adotada por Macedo ao propor explicações fáceis para problemas complexos: doenças, misérias, pobreza, todos estes problemas que seriam solucionados através da expulsão do demônio da vida dos fiéis e da contribuição destes para com as obras de Deus.

Esse mesmo recurso discursivo foi amplamente utilizado por Bolsonaro e seu governo, como demonstrado ao longo do artigo. Por isso, a partir das características elencadas por Eco (2018) e dos dados aqui analisados é possível sustentar a afirmação de Boito Júnior (2020) de que o governo de Bolsonaro e o bolsonarismo são, sim, fascistas; afinal, não é difícil perceber que a grande maioria, senão todas as características elencadas estão, em algum nível, presentes tanto nos discursos e nas práticas do bolsonarismo quanto nas visões de mundo disseminadas pela IURD, um de seus braços religiosos mais importantes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A democracia brasileira passa por um período conturbado. A exemplo do que ocorre em outras partes do mundo, ideologias de extrema-direita, com fortes componentes autoritários e, como demonstramos com este estudo, neofascistas, ameaçam sua institucionalidade e sua legitimidade como regime. Com forte apelo religioso e apoiado por lideranças neopentecostais, esse movimento parece estar consolidado no país, representando ameaça ao princípio basilar da laicidade do Estado e reverberando discursos irracionalistas e moralistas no interior das estruturas governamentais.

O neoliberalismo brasileiro encontrou na IURD respaldo religioso para as suas pautas “conservadoras nos costumes e liberais na economia”. Bolsonaro e Macedo representam muito bem essa conexão entre política e religião, ancorada na ideologia do fascismo. A partir da análise dos discursos de ambos, infere-se que o neofascismo encontrou na IURD, além de uma instituição alinhada às suas ideologias, um movimento religioso baseado em valores individualistas que concretizam o ideal de mobilidade social almejado pela lógica capitalista. Junto à defesa de valores morais ancorados no cristianismo aos moldes da teologia da prosperidade, o líder da IURD e a extrema direita brasileira, representada por Bolsonaro, apresentam em suas manifestações públicas características neofascistas evidentes.

Pautas fascistas travestidas de conservadorismo avançam no Congresso Nacional, pondo em xeque conquistas recentes, como os direitos de minorias. Discursos fascistas disseminam medo e ódio, inflamam o machismo, a xenofobia, a homofobia, a intolerância religiosa e todo tipo de preconceito, além de promover o anticientificismo e a violência. A liberdade política é estrangida pelo moralismo religioso que usa a fé para direcionar opiniões e comportamentos políticos. Os princípios fundamentais da democracia se esvaziam e suas instituições se esfrelam pela perda de legitimidade intencionalmente provocada.

Esta pesquisa demonstra que a conexão ideológica entre a extrema-direita neofascista e segmentos expressivos do neopentecostalismo, característica marcante da crise das democracias pelo mundo, está presente no Brasil, materializada nas figuras de Jair Bolsonaro e Edir Macedo. Um atuando no campo político, outro no religioso, contribuem direta e ativamente para a disseminação, reprodução e naturalização de visões de mundo e ideias políticas tipicamente neofascistas. O estudo reforça o diagnóstico de fragilidade da democracia frente a uma parcela da população desacreditada na política e receptiva a alternativas não democráticas. De tal vulnerabilidade aproveitam-se representantes autoritários que, para se manterem no poder, questionam o próprio sistema que os elegeu, instaurando um ambiente de insegurança política que é a condição ideal para justificar a execução de atos neofascistas e antidemocráticos.

REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, G. H. B.; LAHUERTA, M. O neopentecostalismo e os dilemas da modernidade periférica sob o signo do novo desenvolvimentismo brasileiro. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 14, p. 57–82, maio 2014.

Benção para a Família. **Edir Macedo**. 24 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3duLS3dcV6g>. Acesso em: 28 abr. 2023.

BOITO JUNIOR, A. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo? **Crítica Marxista**, n. 50, p. 111-119, 2020.

Direita ou esquerda? Qual tem sido a sua fé? Edir Macedo. **Canal do bispo Edir Macedo**. 23 set. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7tzTXy0liU>. Acesso em: 17 abr. 2023.

ECO, U. **O fascismo eterno**. 1.ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

ESTADO DE MINAS. **CPF cancelado!, comemora Bolsonaro sobre a morte de Lázaro Barbosa**. Junho. 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/06/28/interna_nacional,12812. Acesso em: 9 maio 2023.

EXAME. **Bolsonaro diz que livros didáticos têm "muita coisa escrita"**. Janeiro. 2020. Disponível em: <https://exame.com/brasil/bolsonaro-diz-que-livros-didaticos-tem-muita-coisa-escrita/>. Acesso em: 2 jan. 2024.

GUERREIRO, C.; ALMEIDA, R. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, p. 49-73, 2021.

GRACINO, P.; TARGINO, J.; REZENDE, G. S. Religiões públicas e demandas por reconhecimento: reflexões a partir dos dados da pesquisa com jovens participantes de movimentos religiosos de massa na cidade do Rio de Janeiro. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 2, p. 122-151, 2019.

Jejum pelo direito da fé em deus, na pátria e na família. Edir Macedo. **Canal do bispo Edir Macedo**. 04 out. 2022. 1 vídeo (18:54 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B3iFazt1Oo4>. Acesso em: 17 abr. 2023.

JOVEM PAN. **Bolsonaro é criticado após posar para foto com placa 'CPFcancelado**. 25 de abril de 2021. Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/politica/bolsonaro-e-criticado-apos-posar-para-foto-com-placa-cpf-cancelado.html>. Acesso em: 9 maio 2023.

LACERDA, M. **Neoconservadorismo de periferia**: articulação familista, primitiva e neoliberal na Câmara dos Deputados. Tese (Doutorado em Ciência Política). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

LACERDA, M. Contra o comunismo demoníaco: o apoio evangélico ao regime militar brasileiro e seu paralelo com o endosso da direita cristã ao governo Bolsonaro. **Religião e Sociedade**, v. 42, n. 1, p. 153-176, 2022.

KALIL, I. **Sob Bolsonaro, conspiracionismo guia políticas públicas**. Made for minds. Bruno Lupion. Jun. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/sob-bolsonaro-conspiracionismo-guia-pol%C3%ADticas-p%C3%ABlicas/a-57960120>. Acesso em: 8 maio 2023.

LIMA, D. N. O. "Trabalho", "mudança de vida" e "prosperidade" entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 132-155, 2007.

MACEDO, E. **A libertação da teologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Universal, 1993.

MACEDO, Edir. Qual qualidade o homem quer na mulher? **Canal oficial da Igreja Universal**. 14 de março de 2016. 1 vídeo (43:25 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uSRjEhUs5OU>. Acesso em: 28 abr. 2023.

MACEDO, E. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios**. 15.ed. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Universal, 2004a.

MACEDO, E. **Os mistérios da fé**. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Universal, 2004b.

MAFRA, C.; SWATOWISKI, C.; SAMPAIO, C. O projeto pastoral de Edir Macedo: uma igreja benevolente para indivíduos ambiciosos? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 78, p. 81–96, fev. 2012.

MANTOVANI, D. M.; SANTOS, R. M.; NASCIMENTO, T. C. Estratégias neoconservadoras, gênero e família na disputa eleitoral de 2022. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 31, n. 2, e92879, 2023.

MARIANO, R. Sociologia do crescimento pentecostal no Brasil: um balanço. **Perspectiva Teológica**, a. 43, n. 119, p. 11-36, Jan/Abr. 2011.

MARIANO, R. **Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

MOLL NETO, R. **Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)**. 2010. 265f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

NASCIMENTO, G. **Edir Macedo tem uma visão muito pragmática: Se há poder eu tô junto**. Agência Pública. Andreia Dip. jan. 2020. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/01/o-bispo-edir-macedo-tem-uma-visao-muito-pragmatica-se-ha-poder-eu-to-junto/>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

NASCIMENTO, G. **O reino: a história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PAES NETO, J. O discurso neopentecostal na política brasileira: notas sobre liberdade de culto, abuso de direito e legitimidade democrática. **Revista Ballot**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 17-35, jan./dez. 2019.

PODER 360. **Bolsonaro insulta repórter usando frase de conotação sexual**. 18 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-insulta-reporter-usando-frase-de-conotacao-sexual/>. Acesso em: 9 maio 2023.

RAMALHO, R. **Bolsonaro vira réu por falar que Maria do Rosário não merece ser estuprada**. Brasília: G1, 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/06/bolsonaro-vira-reu-por-falar-que-maria-do-rosario-nao-merece-ser-estuprada.html>. Acesso em: 9 maio 2023.

SMIDERLE, C. G. S. M. Entre Babel e Pentecostes: cosmologia evangélica no Brasil contemporâneo. **Religião e Sociedade**, v. 31, n. 2, p. 78-104, 2011.

SOUZA, J. M. A. O conservadorismo moderno: esboço para uma aproximação. **Serv. Soc. Soc.** n. 122, p. 1-22, abr. 2015.

STANLEY, J. **Como funciona o fascismo**: a política do “nós” e “eles”. PortoAlegre: L&PM, 2019.

TEIXEIRA, P. P.; HENRIQUES, A. O novo conservadorismo brasileiro e a educação: Mapeando suas linhas de força. **Education Policy Analysis Archives**, v. 30, p. 1-21, 2022.

UNIVERSAL, Igreja. Qual é o (real) desejo de Lula para o Brasil? **Em foco Universal**. 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/qual-e-o-real-desejo-de-lula-para-o-brasil/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

UOL. **'Gripezinha': leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre covid-19**. São Paulo. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm>. Acesso em: 17 de mar. 2024.

VASCONCELOS, H. **Bolsonaro defende 'armas para cidadão de bem' em Goiás e ataca MST**. Uol. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/04/20/bolsonaro-ataca-mst-e-defende-armas-para-cidadao-de-bem-em-goias.htm>. Acesso em: 10 maio 2023.

ZERO HORA. **Confira a entrevista dada por Bolsonaro em 2014, citada pelo candidato no Jornal Nacional**. 4 agosto de 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2018/08/confira-a-entrevista-dada-por-bolsonaro-em-2014-citada-pelo-candidato-no-jornal-nacional-cjkfdf5op00ns01muzcwifo8.html>. Acesso em: 23 de mar. 2024.